

Futebol profissional: saída da pobreza?

Carlos Heller Mandel¹
Fernando Burgos
Pimentel dos Santos²

¹Bacharel em Administração Pública na EAESP/FGV. Analista Júnior de Projetos no Instituto Ayrton Senna. E-mail: carlosmandel95@gmail.com

²Doutor em Administração Pública na EAESP/FGV. Professor do Departamento de Gestão Pública da FGV. E-mail: Fernando.burgos@fgv.br

Professional
football: a way out
of poverty?

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74052>

Resumo:

A pesquisa pretende analisar se o futebol é uma alternativa de saída da pobreza. Com base no trabalho de Fields (2001), Bradshaw (2007), Goldthorpe (2011), entre outros, são discutidos os conceitos de pobreza e mobilidade social. O trabalho de campo pautou-se em May (2004), Spink (2008) e Rego e Pinzani (2013). Foi possível perceber que é necessário grande investimento familiar para que um jovem participe de uma peneira e que, quando este vem das classes sociais mais baixas, há uma relação predatória dos empresários. Diversas barreiras impedem que um adolescente pobre supere sua condição por meio desta prática esportiva. Entretanto, o futebol se configura como uma oportunidade para jovens no que tange a mobilidade social, embora a carreira apresente mais desafios do que a concepção vendida pelos clubes e pela mídia.

Palavras-chave: futebol; pobreza; mobilidade social.

Abstract:

This research aims to analyze whether football is an alternative way out of poverty. Based on the work of Fields (2001), Bradshaw (2007), Goldthorpe (2011), among others, the concepts of poverty and social mobility are discussed. The field work was based on May (2004), Spink (2008) and Rego and Pinzani (2013). It was possible to realize that, for an adolescent to participate in a try-out, it is necessary a huge investment from his family and that there is a predatory relation of agents with poor teenagers. Several barriers prevent a poor teenager from overcoming his condition through this professional sporting practice. However, football is an opportunity for young people in terms of social mobility, although the career presents more challenges than the idea sold by the clubs and the media.

Keywords: football; poverty; social mobility.

Apresentação

O caráter elitista do futebol nacional é um dos grandes problemas relacionados a esta prática esportiva. Se por um lado ele é uma paixão tão grande que consegue caracterizar uma nação inteira como na frase “O Brasil é o país do futebol”, por outro valoriza uma pequena parcela da população que consegue pagar os caros ingressos para assistir aos jogos mais disputados - o valor do ingresso da final da Copa do Mundo no Rio de Janeiro em 2014, por exemplo, variou de R\$ 330,001 a R\$ 1.980,00. (GE, 2013). Assim se questiona: se o país é do futebol, esse futebol é para quem?

A resposta para tal pergunta abarca diversos fatores. O acesso ao futebol deve ser entendido não apenas no contexto do torcedor, mas também como prática esportiva. Mais especificamente, o presente artigo estuda a perspectiva daqueles que desejam se tornar atletas profissionais², e visa entender as reais possibilidades que jovens pobres têm de acessar esse mercado.

Além de ser uma paixão nacional, o futebol também é encarado como uma alternativa de rompimento com o ciclo da pobreza. A fama e, principalmente, os altos salários que acompanham a vida de um jogador tornam esta profissão um sonho para muitos brasileiros, em especial os que nascem em condições de vulnerabilidade social.

Os clubes profissionais, como forma de promoção do trabalho desenvolvido em suas categorias de base e visando atrair novos talentos, usam essa retórica para seduzir jovens e suas famílias para o mundo esportivo. Os temas do sucesso juvenil e da entrada no mundo do futebol passam a ser amplamente explorados por essas agremiações esportivas, conforme matéria veiculada pelo Santos Futebol Clube (2016):

Pensando nos novos talentos que estão por vir, o site do Peixe traz agora, semanalmente, a história de um garoto da base santista. Aspirantes ao time principal, os Meninos da Vila lutam todos os dias para alcançar o sonho de ter o nome gravado na história de um clube mais do que vencedor.

A argumentação utilizada pelos clubes baseia-se, principalmente, em casos de superação da pobreza por meio do futebol para atrair jovens talentos. A isso, soma-se o senso comum de que essa profissão é democrática por requisitar apenas habilidades esportivas de seus praticantes. Isso é o suficiente para convencer milhares de famílias de que é possível vencer uma situação de vulnerabilidade social por meio da prática esportiva.

¹ Neste mesmo ano o salário mínimo era de R\$ 724,00. (IBGE, 2013) Ou seja, o ingresso mais barato para assistir a final do Mundial era o equivalente a cerca de 45,6% da renda mínima.

² Por profissional entende-se aqueles que tem remuneração pactuada por um contrato de trabalho assinado bilateralmente, com idade superior a 18 anos.

Entretanto, o sucesso de um jogador profissional depende de diversos outros fatores.

Primeiramente, o atleta necessita de uma infraestrutura de qualidade – tanto esportiva quanto familiar –, de boa alimentação, e de adequado preparo físico desde o começo da prática esportiva – que tem se iniciado cada vez mais cedo, com algumas seletivas de clubes visando crianças menores de dez anos. Além disso, também deve-se considerar que a carreira de um jogador é uma das mais traiçoeiras - não apenas pelo fato de que lesões, que fazem parte da vida de um atleta, podem acabar com um futuro promissor - mas também porque o rendimento de um adolescente é instável, e ele pode ser descartado por um time de uma hora para outra. Assim, o ideal seria que todo aspirante a jogador de futebol pudesse conciliar o início da sua “carreira” com uma dedicação efetiva aos estudos.

O objetivo do artigo é debater a citada “romantização” dos clubes e da mídia quanto às possibilidades reais de um indivíduo romper com o ciclo da pobreza por meio da prática futebolística profissional. A análise dos resultados pode ser entendida dentro de quatro perspectivas: a) qual é o investimento que uma família deve fazer para ter acesso à este universo; b) quais são as mudanças na vida de um jovem atleta, e em que medida isso afeta seus familiares; c) como um jovem consegue conciliar treinos e estudos e qual é a cobrança dos clubes no que tange à educação de seus atletas; e, por fim, d) qual é o papel que os empresários desempenham nesta situação.

Metodologia

Como forma de acompanhar famílias cujos filhos estavam no processo de seleção dos clubes de futebol, realizamos um levantamento de informações acerca de diversos testes de futebol existentes em escolinhas e times profissionais para decidir quais peneiras analisar. Nesse trabalho inicial, pudemos constatar que, de modo geral, os clubes não são transparentes no que diz respeito às questões relacionadas aos testes. Descobrir o contato do responsável pela base do clube também foi difícil. Deste modo, questiona-se: se os informes relacionados às seletivas são disponibilizados apenas pela internet, e se seu conteúdo não responde todas as dúvidas possíveis, como um jovem em condição de vulnerabilidade social consegue descobrir as informações necessárias para poder realizar o teste? Adendo a esta situação soma-se o fato de que os telefonemas realizados para a central das categorias de base raramente foram atendidos ao longo da pesquisa.

Além da dificuldade em obter as informações, outra constatação feita foi de que em muitos casos o próprio sistema da peneira impossibilita que jovens pobres participem delas. Determinada empresa cobrava uma taxa de 180,00 reais para a inscrição do atleta, por exemplo. Já outro clube requisitava uma conversa pessoal do responsável pelo adolescente com o coordenador das categorias de base, em dia de semana e sem hora marcada, durante o horário comercial – tornando-se um grande obstáculo para pais e mães que trabalham neste período do dia. Percebe-se, portanto, que a falta de informações disponíveis sobre as peneiras aliada à exclusão que o próprio sistema impõe através de requisitos básicos já formam a primeira barreira entre o adolescente e uma carreira de jogador de futebol.

Após muita insistência, conseguimos autorização para conversar com os profissionais de um dos mais importantes clubes da primeira divisão do futebol brasileiro. É necessário ressaltar a importância do trabalho de campo dado o objetivo da pesquisa. A entrevista dos atores envolvidos se torna fundamental a partir do momento em que se percebe que ela permite maior entendimento e uma análise mais próxima do que ocorre naquele ambiente e situação que se pretende entender, algo inatingível apenas pela análise dos conceitos (SPINK, 2008).

Optamos por realizar entrevistas semi e não-estruturadas, segundo May (2004), todas elas realizadas nos anos de 2015 e 2016. O primeiro foi utilizado nas entrevistas com funcionários e ex-funcionários do clube e também naquela realizada com um profissional da área de gestão esportiva e que atuou como empresário de um dos mais ricos jogadores de futebol brasileiro. Já as conversas com familiares dos jovens atletas – realizadas durante as chamadas “peneiras” – foram realizadas sem roteiro prévio³. Uma vez que a pesquisa visava o contato com famílias em situação de vulnerabilidade social, a consideração trazida por Rego e Pinzani (2013) torna-se essencial: é importante que o pesquisador tenha a noção de que não deve falar em nome de, ou tentar desempenhar o papel de representante dos pobres, uma vez que é difícil conseguir ter uma percepção de fora da sua realidade para que se permita criticar a sociedade em que se vive.

Alguns números sobre o futebol brasileiro

De acordo com o IBGE (2016), a população masculina brasileira é de 101.726.102 indivíduos. Destes, 15,83%, ou seja, 16.103.242 são jovens de até 19 anos. Dados da Confederação Brasileira de Futebol – CBF (2016a) apontam a existência de 28.203 jogadores profissionais assalariados. *Grosso modo*, considerando que todos esses jovens desejam seguir a carreira futebolística, a probabilidade de um deles se tornar um profissional é de 1 em 570. Considerando a Seleção Brasileira como tendo um plantel de 23 jogadores (atletas convocados para a disputa das Eliminatórias para a Copa do Mundo), a chance de um jovem menor de 19 anos conseguir ser convocado para representar o país é de 1 em 700 mil. Apenas para ilustração, a probabilidade de um indivíduo conseguir ser sorteado na loteria⁴ apostando 9 números é de 1 em 600 mil. (EXAME, 2014).

Ainda, uma análise da faixa salarial dos jogadores profissionais cadastrados no sistema da CBF (Tabela 1) revela que, para a grande maioria dos atletas, a profissão não está

³ É importante ressaltar que as conversas com os familiares foram realizadas no mesmo momento em que os filhos estavam sendo testados. Como os resultados dos testes geralmente ocorrem no final da tarde do mesmo dia ou no dia seguinte (muitas vezes os resultados são divulgados em páginas na internet ou informados diretamente aos familiares), não estivemos presentes nestes momentos. Assim, buscamos analisar apenas o momento em que as famílias expunham as suas dificuldades e, principalmente, as suas esperanças. E assim, decidimos não analisar a capacidade de resiliência das famílias e dos jovens em casos de resultados adversos, como a não-aprovação para as fases seguintes.

⁴ Considerando a Mega-Sena, na qual o indivíduo deve acertar os 6 números sorteados.

diretamente relacionada a um grande salário:

Salário	Número de atletas	%
Até R\$ 1.000,00	23.238	82,40%
De R\$ 1.000,01 até R\$ 5.000,00	3.859	13,68%
De R\$ 5.000,01 até R\$ 10.000,00	381	1,35%
De R\$ 10.000,01 até R\$ 50.000,00	499	1,77%
De R\$ 50.000,01 até R\$ 100.000,00	112	0,40%
De R\$ 100.000,01 até R\$ 200.000,00	78	0,28%
De R\$ 200.000,01 até R\$ 500.000,00	35	0,12%
Acima de R\$ 500.000,01	1	0,00%
Total	28.203	100,00%

Tabela 1: Faixa Salarial dos Jogadores Profissionais de Futebol no Brasil

Fonte: CBF, 2016^a – Dados trabalhados pelos autores

Os dados da CBF mostram que mesmo que o “sonho” de mudar a própria vida e da família esteja presente no imaginário de grande parte destes jogadores, menos de 4% deles recebem um salário maior do que 5 mil reais.

Breve conceituação sobre a Pobreza

Nos últimos anos, os estudos sobre a pobreza têm buscado avançar em relação à caracterizá-la apenas como a insuficiência de renda, reconhecendo que há múltiplas dimensões na pobreza. No entanto, a dimensão renda segue sendo muito importante. Fields (2001) define o indivíduo pobre como aquele que não consegue arranjar recursos para satisfazer suas necessidades básicas. Bradshaw (2007, p. 9) segue a mesma linha de raciocínio, definindo pobreza como “*the lack of necessities*”. Entretanto, o próprio autor faz a ressalva de que não há um conjunto de necessidades que seja padrão para todas as pessoas do mundo, tornando-se necessário adotar uma definição mais relativa para este conceito. Mesmo assim, os pobres seguem sendo aqueles cujos vencimentos são insuficientes para comprar uma “cesta” capaz de suprir suas necessidades básicas. (FIELDS, 2001; BRADSHAW, 2007). A linha de pobreza seria, portanto, a divisória entre as remunerações capazes e incapazes de supri-las.

No entanto, a criação de uma linha da pobreza única, baseada exclusivamente na renda monetária, apresenta vários problemas. O primeiro e mais evidente é que estados e cidades dentro dos países possuem realidades econômicas e características sociais distintas e custos de vida diferentes. Como forma de resolver esse problema, pensou-se em associar a linha de pobreza absoluta a um determinado nível de nutrição. Tal abordagem também apresentou problemas, uma vez que leva em consideração apenas o básico necessário para sobreviver e, dado que gastos energéticos variam de indivíduo para indivíduo e que não são

os mesmos para pessoas inter e intra países, o método torna-se pouco confiável.

Do ponto de vista sociológico, o trabalho inicial de Simmel publicado em 1907 (SIMMEL, 2011) é fundamental. Para o autor, é a condição de “ser assistido”, ao receber ajuda pública de uma determinada coletividade, que estabelece a marca identitária da condição do “pobre”. Deste modo, enxerga que a pobreza está relacionada à dependência do indivíduo de uma assistência social - o que torna a torna um processo, e não uma situação estática.

Uma outra categorização possível é a realizada por Paugam (2007), que divide as pessoas em situação de pobreza em 3 tipos: os marginais, os frágeis e os assistidos. O primeiro grupo é formado pelos *marginais*, ou seja, aqueles que vivem em situação de ruptura social, incluindo a familiar e a institucional – estando à margem da sociedade. Deste modo, necessitariam de intervenção direta dirigida a eles, mas normalmente são bastante reativos aos serviços disponibilizados.

Já os *frágeis* são aqueles que necessitam de relações pontuais com serviços de assistência, mas que possuem um certo nível de autonomia. Por este motivo, o fracasso que acarreta nestas assistências pontuais é motivo de vergonha para o indivíduo que vai adquirindo consciência da distância que o separa do resto da população, e o faz ter a sensação de que todos também o percebem.

Os *assistidos*, por sua vez, formam o terceiro grupo. Estes são os dependentes dos serviços sociais, que constroem uma relação regular com estes. A pobreza assistida está relacionada com desesperança por parte do indivíduo em sair daquela situação, o que faz como que ele desista de conseguir emprego.

Estes níveis de assistência estão associados ao exposto por Rego e Pinzani (2013), que dizem que uma das características definidoras do pobre é a vergonha por se reconhecer como tal. A própria assistência pressupõe a falta de autonomia do pobre, o rotula como alguém necessitado e faz com que ele se sinta envergonhado por estar nesta situação.

Além disso, Rego e Pinzani (2013) afirmam que a pobreza também está associada a outro fator: um nível básico de autonomia individual. Este está associado com a possibilidade do indivíduo realizar escolhas livres, sem ser constrangido pela falta de recursos básicos, sejam eles materiais ou intelectuais. Ademais, o conceito diz respeito à capacidade do indivíduo conseguir cuidar de si e de sua família sem precisar do auxílio de terceiros.

Segundo Bradshaw (2007), são cinco as explicações que devem ser consideradas sobre a origem da pobreza. A primeira delas culpabiliza o indivíduo por sua condição. Sendo assim, a incompetência, a preguiça e más escolhas individuais são responsáveis pela falta de renda do indivíduo. Seu princípio básico é de que a competição presente na sociedade premia os esforçados, e pune aqueles que por deficiências individuais (como mau uso do dinheiro e más práticas sexuais - ter mais filhos do que pode sustentar) não prosperam. (BRADSHAW, 2007; REGO E PINZANI, 2013).

A segunda teoria é a cultural: de acordo com ela, existe uma cultura da pobreza, que é transmitida de geração em geração, e nela estariam contidas crenças, valores e habilidades. Tal cultura seria gerada socialmente, mas ficaria contida no indivíduo, que seria vítima desta, sendo assim isento de culpa. A terceira teoria responsabiliza a estrutura político-econômica pela origem da pobreza. De acordo com ela, as instituições sociais geram barreiras que impedem a ascensão dos pobres a melhores empregos e, conseqüentemente, a uma maior remuneração - que aumentaria sua qualidade de vida. A quarta teoria descrita por Bradshaw (2007) é a geográfica. De acordo com ela, há disparidades de oportunidades entre áreas geográficas. Isto ocorreria devido à concentração de recursos em algumas poucas regiões. Esta explicação explicita que isso ocorre desde níveis municipais - como favelas em grandes cidades -, até mundiais - como o terceiro-mundo. Além de menos recursos, tais áreas não possuem o poder necessário para reverter tal situação. Assim, enquanto investimentos vão para as melhores áreas, o crime e a pobreza se alastram nas zonas periféricas. Há também a questão da migração de conhecimento, na qual indivíduos com melhores habilidades deixam tais zonas em busca de melhores oportunidades nas áreas ricas. Essa teoria apenas complementa as demais.

Por fim, a quinta teoria apresenta elementos de todas as anteriores. A visão cíclica/cumulativa explica a pobreza por meio da interdependência de alguns fatores. Devido a esta relação, qualquer acontecimento que porventura deixe o trabalhador desempregado gerará uma cascata de eventos problemáticos que aumentará ainda mais o nível de pobreza deste indivíduo. As conseqüências desta espiral de eventos poderão influenciar negativamente a economia do local.

Nos últimos anos, trabalhos sobre o cotidiano das pessoas em extrema pobreza tem sido cada vez mais frequentes. De maneira geral, Ehrenreich (2004), Edin e Shaefer (2016) e Desmond (2016) mostram as múltiplas estratégias utilizadas pelas famílias para lidar com a pobreza no cotidiano. Em grande medida, estas estratégias passam pelas redes de contatos dos mais pobres - vizinhos, amigos, colegas de trabalho, e em alguns casos, a família - que auxiliam na busca por novos empregos, outros tipos de benefícios sociais ou mesmo a buscar alternativas de moradia mais baratas.

A promessa da mobilidade social

A metodologia adotada nos estudos acerca da mobilidade social se baseia, principalmente, em comparar a classe de um indivíduo com a de seus pais. (RIBEIRO, 2014). Há, deste modo, um enfoque nas mudanças intergeracionais. As mudanças intrageracionais são contempladas dentro deste conceito, uma vez que uma alteração de condição dentro da mesma geração será revelada quando comparada com a anterior.

Bresser-Pereira (1974) discorre acerca de dois "sub-tipos" da mobilidade social: a geográfica, e a horizontal. A primeira diz respeito à busca de melhores condições de vida e de trabalho em regiões que não a do nascimento do indivíduo, e se relaciona com a questão da fuga de conhecimento de locais periféricos para os grandes centros discutidos por Bradshaw

(2007), e citada neste trabalho. Já a mobilidade horizontal diz respeito às mudanças nas condições dentro de uma mesma classe social, em oposição ao que acontece na vertical, onde há alteração de estrato ao qual aquele indivíduo pertence. O modelo adotado infere uma organização hierárquica de classes, tendo as dominantes – mais ricas e poderosas – e as mais pobres.

Uma das principais referências no que tange os estudos relacionados à mobilidade da sociedade é a classificação das estruturas sociais presentes no trabalho de Goldthorpe (2011). Em pesquisa sobre a experiência de mobilidade social em Londres, ele elencou cinco fatores que poderiam ser responsáveis pela mudança de estrato social intergeracional dos indivíduos: sindicalismo, empenho no trabalho, sorte, oportunidades e condições econômicas. Esta última diz respeito ao desenvolvimento econômico que é buscado constantemente pelas sociedades. Em épocas de crescimento, as chances de mobilidade são maiores visto que a economia como um todo é incentivada.

O sindicalismo interfere nessa questão uma vez que a força dos trabalhadores, quando unidos, é maior. Deste modo, conseguem melhorias nas condições de trabalho, nas remunerações, e nos benefícios dados pelos empregadores. Sendo assim, sua qualidade de vida melhora, e há uma possibilidade de ascensão social em relação à geração anterior. Os outros três fatores estão, de certa forma, interligados. Só é possível que um indivíduo consiga se destacar e mudar de classe social por meio de seu empenho no emprego se ele tiver a oportunidade de conseguir exercer sua força de trabalho. Muitos trabalhadores entrevistados em seu estudo relacionam tal oportunidade ao quesito sorte. Esta pode ser vista de duas maneiras: sorte em nascer em um estrato social que abra mais possibilidades, ou então sorte de que nenhuma tragédia tenha acontecido em sua família (GOLDTHORPE, 2011). Há, contudo, aqueles que creditam sua mobilidade social exclusivamente ao esforço no trabalho. Esta visão liberal, que premia a dedicação e o empenho do trabalhador, se assemelha às teorias de pobreza que responsabilizam o pobre por sua condição.

Ribeiro (2014) trata das oportunidades como um dos principais fatores para a desigualdade no Brasil. Segundo o autor, os estratos “de cima” possuem maior gama de opções do que os “de baixo”. Isso pode, em certa medida, ser alterado por meio do aumento do nível educacional desta última. Entretanto, há um fator que nem mesmo um maior nível de instrução consegue anular, que é a origem do indivíduo. Pessoas originárias dos estratos mais ricos têm mais chances de se manter neste do que outros indivíduos - cujos familiares são de camadas mais baixas - possuem de entrar. O autor relata que o topo da estrutura social no país é composto por profissionais e administradores, enquanto que a base pertence aos trabalhadores rurais. Os demais tipos de trabalho se enquadram entre estas duas categorias. Seu trabalho permite concluir que os rendimentos das categorias intermediárias são similares, enquanto há uma grande disparidade destas com a classe inferior, e uma maior ainda quando comparadas com o topo da estrutura social nacional, o que significa que a maior diferença no estrato social brasileiro não é entre a camada inferior e a mediana, mas

sim entre esta e a superior⁵.

Tanto os referenciais de pobreza e de mobilidade social apresentados até aqui nos ajudarão a analisar as entrevistas e observações realizadas no cotidiano dos processos seletivos de futuros jogadores de futebol.

As “Seletivas” e seu impacto nas famílias

Conforme mencionamos, as “seletivas”, também conhecidas popularmente como “peneiras” são a porta de entrada na grande maioria dos clubes de futebol. Durante as entrevistas realizadas com familiares de jovens atletas, funcionários dos clubes e com um profissional da área de gestão esportiva, pudemos constatar que esses processos seletivos geram efeitos em quatro perspectivas que serão explicadas a seguir.

Investimento da Família

Uma das entrevistadas (J.) era mãe de um atleta da escolinha do clube no interior. Ela era divorciada, e morava com o pré-adolescente em residência própria na região de Osasco/Jaguarié (SP). Ela contou que aquela era a segunda fase de três das peneiras das franquias do clube. Para que seu filho (M.V.) pudesse participar da escolinha de futebol desembolsava uma mensalidade de R\$ 150,00, além de outras taxas cobradas ao longo do ano. Ela contou que a questão financeira era o maior entrave durante o processo das peneiras. Embora tivesse a opção de ir e voltar do litoral paulista todos os dias, preferiu ficar alojada na cidade praiana durante a semana de testes. O valor gasto poderia ser menor, caso ela tivesse optado por voltar para casa diariamente. Contudo, o cansaço que isso auferiria ao garoto, aliado à sempre existente possibilidade de acidentes na estrada que poderiam atrasá-lo e, conseqüentemente, impedi-lo de participar da seletiva – atrasos não são tolerados, o portão é fechado às oito horas da manhã em ponto – a fizeram desistir desta opção.

Para pagar as despesas da viagem, como ainda não havia recebido seu pagamento, J. pediu emprestado para uma amiga - já que esta não cobraria juros. Ela comentou que estava preocupada pois, caso seu filho fosse aprovado nesta seletiva, e não fosse contratado após a última etapa, a família teria gasto quase R\$ 3.000,00 à toa.

Na entrevista, J. ainda comentou sobre o contato que teve com outras famílias ao longo do processo: grande parte delas ficou hospedada na mesma pousada e, assim, conviveram ao longo de uma semana⁶. Ela contou sobre um garoto advindo de uma família pobre, que só conseguiu mandar o menino para a peneira após uma “vaquinha” feita pelo

⁵ Tal aspecto está relacionado com a teoria da estrutura político-econômica explorada por Bradshaw (2007) no tópico anterior.

⁶ Deve-se fazer uma ressalva que, ao contar sobre estes relatos, não é a voz direta de uma pessoa que está sendo retratada, mas sim a visão de uma terceira.

técnico da escolinha com auxílio dos outros pais. A mãe do jovem, no entanto, não tinha condições de acompanhá-lo. Sendo assim, os pais ali presentes, juntamente com o dono da pousada, supervisionaram a criança ao longo da semana da peneira.

Esta história mostra como as redes de contato são importantes para as pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza, conforme afirmam Ehrenreich (2004) e Edin e Shaefer (2016). A perda destas redes caracteriza um rompimento social, em um processo que agravaria ainda mais a vida das pessoas. As redes da família previamente existentes e aquelas construídas durante as semanas das peneiras entre os familiares ali presentes tornam-se fundamentais, já que segundo a entrevistada, o clube explicita que não dará nenhum amparo à família até que o jovem seja contratado⁷.

Mudanças na Vida

Uma preocupação de J. era referente à possibilidade de M.V. ser, de fato, contratado. Ela contou que, neste cenário, o garoto teria que se mudar para a cidade e, uma vez que ele tem apenas 11 anos, ela teria que acompanhá-lo. Disse que estava disposta a abandonar sua vida em São Paulo pela possibilidade de M.V. se tornar jogador do clube. Entretanto, o alto custo de vida da cidade e a dificuldade em se estabelecer em outro município a preocupavam. Além disso, segundo a própria, o clube só oferece uma ajuda de custo no valor de 200 reais mensais para os jovens atletas aprovados nas peneiras – quantia que considerava quase que insignificante perto dos gastos reais com o filho. Além disso, J. comentou que sabia que o aceite do clube era apenas o começo, e que havia a possibilidade do filho ser dispensado posteriormente. Desta maneira, contou que não venderia sua residência em São Paulo, para ter um “plano b”.

É interessante notar que a possibilidade de se mudar para a cidade considerada pela entrevistada não é uma opção para todas as famílias, e isto não deve ser única e exclusivamente ao aspecto financeiro. Vínculos familiares diferentes dos de J. - ou seja, mais do que um filho na família, casamento ou empregos - são fatores que podem impedir a mudança de uma família de cidade.

Ainda no que tange as mudanças que o aceite por parte do clube de futebol teria na vida de M.V., deve-se mencionar o alívio que J. tem por seu filho se interessar tanto por futebol. De acordo com a mãe, a região onde eles vivem é relativamente perigosa e há, segundo suas próprias palavras, *“muita coisa ruim que poderia atrair o M.V., mas graças a Deus ele se interessa e se envolve por futebol e por andar de bicicleta”*. Deste modo, a prática esportiva atua na vida de M.V. também no sentido de tirá-lo da “rua”, evitando assim que se envolva com o tráfico de drogas, por exemplo.

⁷ Essa questão das redes de contato se fez presente ao longo da entrevista inteira com J., uma vez que ela viu nos pesquisadores a possibilidade de construir novos laços, além dos já citados. Deste modo, pediu ajuda no sentido de encontrar desde uma pousada mais barata, até patrocinadores para seu filho.

Um funcionário do clube, inclusive, revelou que a instituição também compartilha desta ideia. Segundo ele, o clube se preocupa não só em tirar o jovem da “rua”, como também em mantê-lo longe dela: por saber que a ascensão no mundo futebolístico gera um impacto para qual o jovem muitas vezes não está preparado, e que isso pode fazer com que ele recorra a vícios – drogas lícitas e ilícitas, por exemplo – o clube oferece auxílio psicológico e social para os atletas de suas categorias de base⁸. Contudo, de acordo com o que foi possível apurar, esta estrutura pedagógica não está disponível quando os atletas se tornam profissionais. Uma vez que muitos o fazem aos 15 e 16 anos, e que é nessa fase que eles mais precisam de apoio – dado os aumentos salariais e maior exposição na mídia – a omissão do clube pode ser prejudicial em sua vida.

Um funcionário de outro clube demonstrou a mesma preocupação quanto à saúde psicológica dos jovens. Entretanto, devido a alguns problemas, disse que ainda não foi possível implementar o que chamou de corpo multidisciplinar – uma equipe formada por profissionais da área médica, psicológica, nutricional, pedagógica etc.

Já o profissional da área de gestão esportiva e ex-empresário de jogador de futebol citou que a falta de preparo das famílias para as mudanças que podem ocorrer na vida do jovem pode determinar o fim precoce de sua carreira, tornando-se assim mais um empecilho para o atleta. De acordo com ele, ao longo de sua carreira, presenciou diversas carreiras acabarem pela falta de preparo dos familiares dos atletas.

Conciliação com Estudos

Um entrevistado ligado a um clube revelou que a principal preocupação da categoria de base no que tange o desempenho acadêmico é de que o jovem conclua o ensino médio. Para isso há convênios com escolas públicas⁹ e particulares¹⁰, bem como um acompanhamento da instituição para garantir seu bom desempenho. Caso isto não esteja ocorrendo, cabe ao técnico escolher como lidar com as notas baixas – seja por meio de punição, de conversas, entre outros.

O profissional de gestão esportiva teve uma opinião diferente. Ele revelou que, embora haja essa preocupação com a formação dos atletas, no cotidiano dos clubes o fator que mais importa é o talento futebolístico do jovem. Se ele é “bom no campo”, geralmente o clube faz vista grossa caso seu desempenho acadêmico deixe a desejar. Entretanto, se ele não é um destaque de seu time, a cobrança é maior para que suas notas sejam boas. Para o entrevistado, isso se deve ao fato de que, no final das contas, os clubes estão preocupados com seu negócio - ou seja, formar jogadores e não estudantes.

O clube visitado por nós possui um Centro de Estudos voltados para ajudar seus

⁸ Este auxílio é obrigatório segundo a Lei nº 9.615/98 (a chamada "Lei Pelé")

⁹ O clube possui parceria com dois colégios municipais, sendo que um deles tem uma localização próxima às instalações do clube. O acordo com a outra escola, um pouco mais afastada, prevê o vale-transporte sem custo para os atletas da categoria de base.

¹⁰ As escolas particulares têm interesse em oferecer bolsas de estudos para estes estudantes porque podem utilizá-los em competições esportivas escolares, aumentando a sua visibilidade.

atletas a melhorar seu desempenho acadêmico. Não obstante, a entrevistada e mãe J. elogiou o clube no que tange o cuidado dado à educação. Ela disse que a instituição tem uma cobrança de frequência escolar e que exige que o aluno tire notas altas no colégio. Além disso, o clube também possui parcerias com escolas da região e são seus funcionários que se encarregam dos trâmites burocráticos de transferência de instituição de ensino caso o atleta seja aprovado na seletiva e se mude para o município.

Relação com Empresários

“Empresários são um mal necessário” – assim um dos funcionários das categorias de base de um clube define a ação destes agentes. *Necessário*, pois empresários conseguem suprir necessidades dos atletas que os clubes não têm capacidade ou estrutura para fazê-lo. *Mal*, pois o empresário acaba se tornando um “parasita” do jogador, se aproveitando de toda oportunidade que surge para ele. Segundo o entrevistado, infelizmente, o trabalho das categorias de base ainda é muito dependente da ação destes agentes de jogadores.

De acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 2015 haviam 115 empresários registrados, número que pulou para 250 até julho de 2016 – data do último relatório divulgado. (CBF, 2016c). A ação dos intermediários – como a CBF classifica os empresários – é regida pela própria instituição. Segundo o Regulamento Nacional de Intermediários:

Considera-se Intermediário [...] toda pessoa física ou jurídica que atue como representante de jogadores e/ou de clubes, seja gratuitamente, seja mediante o pagamento de remuneração, com o intuito de negociar ou renegociar a celebração, alteração ou renovação de um contrato especial de trabalho desportivo e/ou como representante de clube visando a negociar a transferência temporária ou definitiva, de jogador entre clubes. (CBF, 2016b)

Em consonância com a Lei Pelé (Art. 27-C, inciso VI), a instituição proíbe que estes profissionais agenciem contratos de atletas menores de 18 anos. (BRASIL, 1998). Contudo, como será explorado adiante, a ação dos intermediários está presente no cotidiano das categorias de base. Segundo uma mãe entrevistada, atletas com estes vínculos têm mais chance de serem contratados, muitas vezes pulando etapas dos testes.

Nos clubes que não realizam peneiras abertas, a ação empresarial fica mais restrita à pressão que estes profissionais fazem em cima dos membros das categorias de base para que eles chamem atletas apadrinhados por eles para compor o elenco. Para isso, encaminham vídeos das melhores jogadas dos jovens. Neste aspecto, deve-se levar em consideração que a produção de vídeos demonstra um caráter elitista, pois famílias de baixa renda não conseguem pagar por esta. Se o conseguem, o resultado é um material de pior qualidade, que pode interferir na seleção dos clubes. Embora empresários possam ajudar as

famílias cobrindo os gastos da produção, o jovem entra em dívida com este profissional e, caso não vingue no mundo futebolístico, não terá condições de pagá-la.

Há de se levar em consideração, ainda, o exposto no documentário *O Outro Lado da Bola*, de Marcelo Migliaccio (2012): muitas vezes, o empresário de jovens que moram em favelas é alguém ligado ao tráfico de drogas que, por ter dinheiro, financia os primeiros passos dos garotos no futebol. Caso isso não dê certo, a única maneira do atleta conseguir pagar sua dívida é entrando no esquema de venda de drogas ilegais.

Não é nem necessário que o jovem não vingue no mundo esportivo, basta apenas que isso demore para acontecer. Um entrevistado das categorias de base de um clube revelou que o desenvolvimento esportivo é um processo lento, que demora pelo menos 6 anos até o jovem aparecer em um clube de ponta. Muitas vezes, o jogador demora mais ainda, atingindo seu máximo com 24, 25 anos. Considerando que ele começou a treinar aos 14, são 10 anos ou mais de investimentos até que ocorra o retorno financeiro.

Sobre isso, deve-se levar em conta a ressalva feita pelo gestor da área esportiva de que há diferentes níveis de jogadores - nem todos são destaques mundiais. Deste modo, existem os casos de atletas que se tornam jogadores profissionais e que conseguem seguir esta carreira, embora não sejam considerados os destaques de suas equipes. Nesses casos, seus retornos financeiros não são tão grandes, conforme mostramos na Tabela 1. Deste modo, quando um agente percebe que seu agenciado não lhe trará tanto resultado financeiro, acaba desistindo de gerenciar sua carreira, o que pode acabar com as chances do jovem de se profissionalizar. Ele ainda disse que, embora jogadores com empresários tenham certa vantagem, grande parte da carreira futebolística profissional depende de sorte. Para ilustrar, ele contou que o hoje astro mundial Neymar quase não vingou – pelo menos não nas categorias de base do Santos Futebol Clube. Quando ainda jogava no sub-15, o jogador era reserva e iria ser dispensado até que o técnico da categoria de cima o chamou para compor o elenco. Esta mistura entre sorte e oportunidade¹¹ foi determinante para que o atleta permanecesse no clube, e se tornasse o ícone que é hoje.

O ex-empresário, baseado em sua experiência, também contou que a vida dos jogadores em início de carreira é tão difícil, que a grande maioria dos que se profissionalizam o fazem por não terem outra perspectiva de trabalho. Para ele, jovens advindos de famílias com maiores condições, ao se depararem com os sacrifícios que a vida de um atleta requer, escolhem outra profissão.

Conclusão

Pode haver um lado perverso para os jovens com famílias em situação de pobreza e extrema pobreza que se arriscam no mundo do futebol. Conforme apurado ao longo das entrevistas, se, por qualquer motivo que seja - e as possibilidades variam desde lesões e

¹¹ Como discorrido por Goldthorpe (2011) – ver seção *Mobilidade Social*.

rendimento inconstante até falta de condição familiar -, o atleta é dispensado após investir nesta carreira, suas opções costumam ser escassas, principalmente quando a família é pobre. Como analisado no referencial teórico, a população das classes mais baixas já possui um leque de oportunidades menor do que os mais ricos. Tendo isso em mente, o presente trabalho visava analisar se o futebol poderia ser uma dessas opções - atuando como uma porta de saída da pobreza.

Pelo trabalho de campo realizado, contudo, não foi possível responder a esta pergunta de forma categórica, principalmente pelo fato de que as histórias ouvidas e analisadas diziam respeito a famílias que não podem ser enquadradas como em situação de pobreza extrema. Os próprios entrevistados comentaram que poucas vezes tiveram contato com jovens cujos pais eram beneficiários do Programa Bolsa Família¹², por exemplo.

Partindo de duas definições semelhantes apresentadas ao longo do trabalho para a pobreza (BRADSHAW, 2007; FIELDS, 2001), que a caracterizam como uma situação na qual as necessidades básicas de um indivíduo não conseguem ser supridas, os casos apresentados na pesquisa não permitem uma conclusão que encerre a questão sobre este assunto, visto que não se enquadram em tal definição. Tendo esta ressalva em mente, pode-se dizer que, a partir do material apurado - e não das histórias analisadas -, o futebol não pode ser configurado como uma possibilidade de saída da pobreza. Isto pode ser percebido por alguns motivos.

Primeiramente, as oportunidades no mundo futebolístico costumam aparecer para aqueles que já possuem alguma condição financeira. Isso fica evidenciado no modelo de peneira realizado pelo clube acompanhado. A manutenção do jovem durante uma - ou mais - semanas na cidade do litoral paulista inviabiliza que jovens de baixa renda participem desta seletiva. Mais do que isso, os gastos envolvidos em uma possível transferência de sua família para acompanhá-lo também são muito altos para indivíduos que se enquadram na situação de extrema pobreza.

Outro modelo visto diz respeito à observação de jovens em escolinhas de futebol. Estas costumam cobrar mensalidades dos atletas, o que inviabiliza a participação de adolescentes muito pobres. Já o banco de dados que alguns clubes possuem com base em vídeos enviados, como já discutido, também aparece como uma barreira para que a pobreza seja superada. Ademais, embora exista a visão de que do dia para a noite um atleta pode começar a receber um salário milionário, este cenário está reservado para poucos jovens, e não deve ser considerado como uma regra para a profissão. O salário inicial de um jogador de futebol profissional não costuma passar do salário mínimo - como relatado nos dados e nas entrevistas - e é só após alguns anos que ele passa a aumentar.

Por fim, deve-se mencionar que as dívidas que jovens de classe baixa contraem para

¹² Programa do Governo Federal instituído em 2003 que contribui para o combate à pobreza e à desigualdade no Brasil. A partir de 2011, a extrema pobreza e a pobreza no Brasil passaram a ser enfrentadas pelo Plano Brasil Sem Miséria, que atua por meio de: a) complemento de renda; b) inclusão produtiva (urbana e rural); c) acesso a serviços. Para mais informações, acessar: <<http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e>>.

com seus empresários configuram mais um empecilho nesta caminhada visto que, como relatado, elas podem fazer com que o jogador desista da carreira futebolística. Assim, embora não seja possível afirmar categoricamente, é possível indagar, dado todas as reflexões advindas tanto do referencial teórico quanto do trabalho de campo, que jovens nessas condições sequer chegam a disputar as peneiras, principalmente por falta de condições financeiras.

Se por um lado, não é possível afirmar que o futebol pode tirar uma família da pobreza, é possível realizar esta análise em termos de mobilidade social. Como visto no trabalho de Ribeiro (2014), há maior possibilidade de ascensão social entre as classes mais baixas e médias do que estas últimas e as mais ricas. Deste modo, conseguir ascender socialmente por meio do futebol até a classe social mais alta é difícil. Mas também difícil por meio de qualquer outra atividade. Entretanto, é possível que o futebol seja utilizado para ascender socialmente - em menor escala de uma classe inferior para uma média e, principalmente, entre os estratos medianos. Deve-se notar que, embora seja uma tarefa árdua, há casos de jogadores que obtiveram tal sucesso através do esporte.

Outro aspecto importante diz respeito ao observado por Ribeiro (2014) e por Goldthorpe (2011) acerca das oportunidades que se abrem para os indivíduos. A análise de ambos permite concluir que estas aparecem em maior quantidade para os que têm pais nos estratos mais ricos, e que quanto maior o “leque de opções”, maior a possibilidade de fluxo social. Ainda, um dos fatores que contribuem para o aumento das oportunidades é a formação acadêmica, visto que esta amplia as opções de trabalho de um indivíduo. Por fim, quanto maior o nível de instrução, melhor a remuneração para o empregado. A partir destes pontos é possível traçar um paralelo entre a literatura estudada e a realidade vivida por jovens aspirantes às categorias de base dos clubes.

No caso das peneiras, o fato de um jovem ter nascido em uma classe social mais alta possibilita alguns benefícios, que podem se traduzir em vantagens. Um adolescente rico não tem mais chances de ser aprovado na seletiva por este aspecto, embora sua condição possa lhe favorecer. No caso dos testes no clube acompanhado por nós, por exemplo, seus rendimentos podem lhe permitir dormir em uma cama mais confortável ao longo da semana de testes, por exemplo. Sua alimentação também pode ser melhor, por vezes com acompanhamento de nutricionista profissional, fazendo com que sua forma física seja superior às demais – em um contexto do futebol atual no qual a forma física é fundamental. Assim, percebe-se que a renda influencia alguns aspectos das peneiras, tornando a disputa desigual.

Por outro lado, caso o plano de se tornar jogador não dê certo, este jovem ainda tem outras oportunidades pois, uma vez que é sustentado pelos pais, consegue treinar sem ter que abdicar dos estudos. Assim, sua educação lhe garante opções que jovens de classes mais baixas não têm, por mais que os clubes busquem formar seus atletas no ensino médio. Ainda, estes indivíduos não precisam contrair dívidas com empresários para conseguir se locomover até os testes, situação que pode influenciar negativamente a vida de um atleta de baixa renda.

Entre os outros aspectos abordados por Goldthorpe (2011) que influenciam a

mobilidade social estão o sindicalismo, o empenho no trabalho, a sorte e o desenvolvimento econômico da sociedade. Tanto o último quanto o primeiro importam menos no fluxo social relativo ao futebol. Quanto ao empenho no trabalho e à sorte, deve-se retomar a ressalva feita ao longo do trabalho de que estes estão interligados com as oportunidades. O talento de um jovem que se dedica à prática esportiva só aparecerá caso ele tenha a chance de demonstrá-lo. Esta, em algumas situações, pode depender da sorte – como quando um olheiro observa algum jogo. Em outras, ela aparece com o auxílio de terceiros, como empresários. Porém, em considerável parte das vezes, está associada ao nível de talento do jovem, que depende tanto de sorte – para ter nascido com tal habilidade, quanto do empenho em aperfeiçoá-la. Sobre este aspecto, cabe retomar a entrevista do gestor e ex-empresário, que afirma que apenas talento e conexões com empresários não garantem uma carreira de sucesso, uma vez que a sorte e o preparo das famílias desempenham um papel considerável na vida de um atleta.

Assim, se conclui que o futebol pode ser um mecanismo de mobilidade social. Mesmo que o jogador não desponte como uma estrela mundial – ou até nacional – o recebimento de salários mínimos já pode configurar uma mudança em sua vida. Além disso, caso o jovem tenha talento, o futebol é uma das poucas possibilidades que estão ao seu alcance. Não se trata de um caminho fácil – lesões, seletivas rápidas, abandono dos estudos, oscilações naturais de desempenho – mas o sonho dos jovens e de suas famílias é persistente e, em geral, releva essas diversas barreiras a serem superadas. Embora a imagem do Brasil como o “país do futebol” ainda esteja muito presente na nossa sociedade, as opções de carreira profissional são para poucos. Ainda mais quando se considera que outros aspectos – que podem ser futuramente discutidos – também influenciam esta questão, como o recorte de gênero e a etnia do jogador.

Artigo recebido em 28 ago. 2017.

Aprovado para publicação em 04 mai. 2018.

Referências

BRADSHAW, Ted K.. “Theories of Poverty and Anti-Poverty Programs in Community Development.” *Community Development: Journal Of The Community Development Society, Califórnia*, p. 7-25. maio 2007.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Empresários e Administradores no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1974.

BRASIL. “Lei Nº 9.615, de 24 de Março de 1998”: *Lei Pelé*. 1998.

CBF – *Confederação Brasileira de Futebol*. *Raio-X do futebol: salário dos jogadores*. 2016a. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.WI6f4PkrLDd>>. Acesso em: 29 dez. 2016

CBF - *Confederação Brasileira de Futebol*. *Regulamento Nacional de Intermediários*. 2016b. Disponível em: <http://cdn.cbf.com.br/content/201603/20160314131514_0.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2017.

CBF - *Confederação Brasileira de Futebol*. *Relatório da Diretoria de Registro e Transferência*. 2016c. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/relatorio-da-diretoria-de-registro-e-transferencia#.WGVjhfrLDd>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

DESMOND, Matthew. *Evicted: Poverty and Profit in the American City*. New York: Crown Publishing Group, 2016.

EDIN, Katryn & SHAEFER, H. Luke. *\$2.00 a Day: Living on Almost Nothing in America*. New York: Mariner Books, 2016.

EHRENREICH, Barbara. *Miséria à Americana*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

EXAME. *Veja qual a probabilidade de você ganhar na Mega-Sena*. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/veja-qual-a-probabilidade-de-voce-ganhar-na-mega-sena/>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

FIELDS, Gary S. *Distribution and Development: A New Look at the Developing World*. Cambridge University Press, 2001.

GE. *Fifa anuncia preços dos ingressos da Copa de 2014: de R\$ 30 a R\$ 1.980*. 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2013/07/fifa-anuncia-precos-dos-ingressos-para-copa-do-mundo-de-2014.html>>. Acesso em: 19 mar, 2015

GOLDTHORPE, John. “The Experience of Social Mobility.” In: GRUSKY, David & SZELENYI, Szonja. *The Inequality Reader: Contemporary and Foundational Readings in Race, Class, and Gender*. Colorado: Westview Press, 2011.

IBGE (Brasil). *PNAD - Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio: Brasil e Síntese de Indicadores*. 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000018883109232014310419410583.pdf>> Acesso em: 21/03/2015

IBGE. *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

MAY, Tim. *Pesquisa Social: Questões, métodos e processos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 288 p.

MAY, Tim. *O Outro Lado da Bola*. Direção de Marcelo Migliaccio. [s.i]: Desconhecido, 2012. (52 min.), son., color.

PAUGAM, Serge. *Las formas elementares de la pobreza*. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

REGO, Walquiria Domingues Leão; PINZANI, Alessandro. *Vozes do Bolsa Família: Autonomia, Dinheiro e Cidadania*. São Paulo: Unesp, 2013, 248 p.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. "Mobilidade e Estrutura de Classes no Brasil Contemporâneo." *Sociologias*, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p.178-217, dez. 2014.

SANTOS FUTEBOL CLUBE. *Conheça os futuros craques do Santos FC*. 2016. Disponível em: <http://www.santosfc.com.br/2016/05/serie-nossos-meninos-conheca-os-futuros-craques-do-santos-fc/>. Acesso em: 25 jun. 2016.

IMMEL, Georg. *El Pobre*. Madri: Sequitur, 2011.

SPINK, Peter. "O Pesquisador Conversador no Cotidiano." *Psicologia e Sociedade (Impresso)*, v. 20, p. 70-77, 2008.